
O PARTO: ENCONTRO COM O SAGRADO
BIRTH: A MEETING WITH THE SACRED
EL PARTO: UN ENCUENTRO CON LO SAGRADO

Adriana Tanese Nogueira¹

¹ Láurea em Filosofia na Università Statale di Milano - Itália. Psicanalista de matriz junguiana na Escola de Silvia Montefoschi - Milão/Itália. Mestre em Ciências da Religião pela PUC/SP. Coordenadora da ONG Amigas do Parto. Diretora do site www.amigasdoparto.org.br

PALAVRAS-CHAVE: Parto. Saúde da mulher. Individualização. Humanização do parto.

RESUMO: O artigo objetiva apresentar a questão da humanização do parto em seus fundamentos culturais e antropológicos, com o intuito de acrescentar o ponto de vista não médico ao debate. Foram utilizados os pensamentos de dois conhecidos estudiosos das religiões: Rudolf Otto e Mircea Eliade, sendo que a malha teórica que estrutura a filosofia e a prática alquímica foi utilizada para analisar a experiência de uma mulher que com quarenta semanas de gestação inverte o roteiro previsto em busca de uma experiência de parto que se revelou extraordinária. O resultado da reflexão mostra as ramificações profundas que a humanização do parto implica para as mulheres, seja em termos da sua psicologia como de sua atuação como cidadã, mãe e mulher. Finaliza-se apontando os novos rumos que a humanização do parto acarreta para seus atores, enquanto movimento amplo de transformação do paradigma cultural e obstétrico.

KEYWORDS: Parturition. Women's health. Individuation. Humanizing delivery.

ABSTRACT: The article intends to present the question of the humanization of birth in its cultural and anthropological foundations, in order to improve a non-medical point of view about its understanding. The analysis has been developed with the theoretical tools offered by the thoughts of two known religious philosophers and researchers: Rudolf Otto and Mircea Eliade, using the practice and philosophy of alchemy, with its peculiar vision about spirit and matter, to give the basis to analyze the experience of a woman who inverts the scheduled script of a Caesarian (C-Section) birth in her 40th week of gestation in order to appreciate delivering naturally. She delivers her baby naturally, after all. The results of this reflection show the deep ramifications that the humanization of birth imply for women, in her psychology as well in her being as citizen, mother, and woman. The conclusion points out news directions for the humanization of birth, as well as what it means for the humanization of its own activists, as a wide and transforming movement of the cultural as well of the obstetrical paradigm.

PALABRAS CLAVE: Parto. Salud de las mujeres. Individualización. Humanización del parto.

RESUMEN: El artículo objetiva presentar la cuestión de la humanización del parto en sus fundamentos culturales y antropológicos, con la intención de añadir el punto de vista no médico al debate. Fueran utilizados los pensamientos de dos conocidos estudiosos de las religiones: Rudolf Otto y Mircea Eliade, pero fueran las referencias teóricas que forman la filosofía y la práctica alquímica que hay sido utilizadas para analizar a experiencia de una mujer quien a las cuarenta semanas de gestación invierte el camino previsto en la búsqueda de una experiencia de parto la cual se reveló como extraordinaria. El resultado de la reflexión muestra las profundas ramificaciones que la humanización del parto implica para las mujeres, sea en términos de su dimensión psicológica como de su actuación en cuanto ciudadana, madre y mujer. Finalizamos apuntando los nuevos rumbos que la humanización del parto acarrea para sus actores, en cuanto un amplio movimiento de transformación del paradigma cultural y obstétrico.

Endereço: Adriana Tanese Nogueira
R. Caiubi, 1276, Ap.21
05.010-000 - Perdizes, São Paulo, SP.
E-mail: Adriana@amigasdoparto.org.br

Artigo original: Pesquisa
Recebido em: 21 de novembro de 2005
Aprovação final: 21 de fevereiro de 2006

PRÓLOGO

*“O mistério do parto, quer dizer,
a descoberta feita pela mulher
de que ela é criadora no plano da vida,
constitui uma experiência religiosa
intraduzível
em termos da experiência masculina”
(Mircea Eliade).*

Este trabalho, fruto de minha dissertação de Mestrado,¹ quer refletir sobre novos pontos de vista a respeito da experiência de dar à luz. Início com o relato de Paula.

Em 16 de fevereiro de 1998, em minha casa, dei à luz minha filha. Foi uma experiência extraordinária, que continua repercutindo até hoje.

No quarto, quinto mês de gravidez, tive a intuição que dar à luz de cócoras seria o melhor modo de parir. Mas quando comentei isso com a médica, ela riu de mim e respondeu que era “ridículo” eu achar que ela (sic) fosse ficar agachada esperando que minha filha lhe caísse no colo [...]. De imediato entendi que não era a profissional para mim.

Mudei de obstetra, enquanto me conscientizava daquilo que queria: um parto domiciliar. Fiz ioga para gestantes e fui adquirindo informações. Sobretudo, fui me trabalhando, emocional, psicológica e espiritualmente. Cuidei instintivamente do desenrolar de minha gravidez, mantendo o vínculo interior estreito com minha filha.

Como toda primípara, temia o parto: estava insegura, não sabia como iria reagir. Permite-me expressar livre e abertamente as emoções que sentia: desabafava comigo mesma. Fiz o trabalho de “limpeza” do meu espaço. Passei por um longo último mês tenso, e quando finalmente o deixei para trás, estava tranqüila. E entrei em trabalho de parto.

Encontrei facilmente uma posição confortável: sentada no chão, semi-reclinada, transcorri a noite inteira conseguindo descansar. Dormia profundamente entre uma contração e outra, recuperando as energias. Foi logo após algumas delas que tive duas visões espirituais: a de Nossa Senhora e a de um par de anjos: ela cuidando e eles amavelmente assistindo ao parto. Levantava os olhos e lá estavam eles. Parecia tudo muito natural.

Passaram-se mais seis horas até minha filha nascer. Finalmente, de cócoras, descobri os mistérios incríveis de um ser humano saindo pelo canal vaginal, inteirinho, perfeito, limpo, novinho!

A primeira visão de minha filha ficou gravada meses e meses. Era como se a visse na minha frente sempre com a mesma intensidade e nitidez. Num só instante, com olhar aguçado e preciso, examinei-a inteirinha. Registre cada parte de seu corpo. Uma explosão de alegria, vida e energia tomou conta de

mim por vários dias. Pela primeira vez me senti realmente poderosa. Eu estava radiante, viva e poderosa. Um novo mundo se abria para mim.

O PARTO E O SAGRADO

*“Para viver no mundo é preciso fundá-lo
e nenhum mundo pode nascer no caos da homogeneidade
e da relatividade do espaço profano”
(Mircea Eliade).*

Conforme muitos autores já assinalaram, o parto é um evento rodeado por muitos tabus ou regras e rotinas. Este fato é comum a todas as culturas, não última, a nossa, cuja obstetrícia é repleta de procedimentos, protocolos e tecnologia de ponta.

A idéia de tabu nasce inextricavelmente ligada àquela de sagrado. Tabus são interditos dirigidos aos “profanos”, no sentido de proibir-lhes aproximar-se e tocar objetos, pessoas ou lugares considerados sagrados. Os tabus separam o mundo e os indivíduos em puros e impuros, sagrados e profanos.

Consideramos, portanto, que o parto foi, desde sempre, entendido como pertinente ao universo do sagrado. Com a secularização da cultura ocidental e a cientificação da vida em todos os seus aspectos, esta compreensão mudou os nomes, mas comportamentos e práticas revelam os sentidos ocultos omitidos pelas explicações racionais.

Na cultura ocidental cristã, o sagrado é visto como algo distante da esfera da vida cotidiana e da experiência das pessoas “comuns”: por um lado, há os profissionais do sagrado e, por outro, as pessoas ordinárias. Esta antiga dicotomia está passando por uma mudança: o sincretismo cultural e religioso que caracteriza países como o Brasil possibilita que cada um busque e produza sua própria rede de símbolos e sentidos espirituais, de forma autônoma.

No século passado, dois autores de renome expressaram concepções importantes a respeito do sagrado: o teólogo protestante alemão Rudolf Otto (1869-1937) e o filósofo e historiador das religiões romeno Mircea Eliade (1907-1986). Seus pontos de vista parecem situar-se às antípodas. Vou apresentá-los e tecer algumas reflexões.

Rudolf Otto, em 1917, insere o sagrado na abordagem fenomenológica. Sua intenção é buscar apreendê-lo em sua dimensão originária, distinguindo-o de sua superestrutura filosófica, metafísica e ética. Para este autor, o conceito de divino contém dois aspectos: o do racional e o do não racional. O sagrado constitui a dimensão não racional da idéia do divino,

sobre o qual se edifica todo o arcabouço racional que produz as religiões instituídas. Sua contribuição é importante porque quer ir além das formas exteriores e cristalizadas que o sagrado adquiriu ao longo da história, para recuperá-lo no essencial da experiência.²

O fenômeno que está além das concepções racionais do divino, é denominado de inefável, ou seja, algo que não pode ser descrito, mas só experienciado. Nesta perspectiva, o sagrado é definido como *mysterium tremendum e fascinans* (mistério terrível e fascinante).²

“Este ‘mistério’ pertence à categoria do *numinoso*, qualidade que suscita aquele estado de alma, caracterizado pelo sentimento de ser criatura ou objeto do *numinoso*”.^{2:12-3} Este sentimento está vinculado à percepção de um objeto externo que atemoriza. Daí a expressão *mysterium tremendum*: tem-se a experiência de um mistério que faz tremer.

O *numinoso*, objeto externo inacessível, “totalmente outro”, porque qualitativamente diferente, se apresenta como dotado de poder, força e preponderância absoluta, cuja idéia é expressa na fórmula: *tremenda majestas*. “Frente à majestade do *numinoso*, ao superpoder incondicional, nos percebemos criaturas frágeis, atravessadas pelo sentimento de nosso próprio esfacelamento, de nosso nada”.^{2:23} Por outro lado, o *numinoso* atrai, maravilha e encanta. Ele é o *fascinans* que suscita um forte sentimento de atração. Assim, o sagrado em sua dimensão originária nos repele e, ao mesmo tempo, nos fascina.

Em perspectiva diametralmente oposta, estão os estudos etnológicos de Mircea Eliade. Do seu ponto de vista, o sagrado e sua experiência constituem o cerne que dá estrutura à visão de mundo e à vida concreta de um povo e de cada indivíduo.³ Se para Otto o aspecto não racional do divino funda a dimensão racional das religiões, com suas normas, dogmas e teologias, para Eliade, o irracional experienciado é o que estrutura a vida comunitária de um povo.

A palavra chave para compreender a função do sagrado em Eliade é “ordem”, em contraposição ao caos originário. O contato com o sagrado estabelece o centro em volta do qual nasce o cosmos humano. É o eixo que funda uma nova ordem, de caráter social, psicológico e epistemológico: permite a organização da sociedade, a estruturação do eu e o conhecimento do mundo. É pelo sagrado, que está por trás do visível e manifesto, que podemos compreender a teia da realidade concreta, da mesma forma pela qual conseguimos enxergar, graças à nossa retina, que transforma as manchas de luz que nossos olhos vêem em formas distintas e significativas.

Buscamos o contato com o sagrado para dar sentido às nossas vidas. O sagrado é a fonte de integridade, unidade e força vital.³ Sem ele a vida se desfaz, como se cortássemos os fios da costura e o *patchwork* da existência se soltasse e só sobrassem partes desconexas. Através do contato com o sagrado podemos definir o nosso mundo.

Por causa de sua enorme importância individual e social, o ingresso no sagrado é protegido e guardado por específicos rituais que entram em cena no tempo e no espaço apropriados. Apesar de o sagrado estar entre nós, ele não é acessível a todos. Ritos, sacerdotes, sacerdotisas e xamãs são os *pontifex*, as pontes que permitem o acesso ao sagrado, o qual se situa em *outro* espaço e tempo.⁴

Periodicamente, são realizadas cerimônias para poder retornar à fonte, mergulhar nela e abastecer-se de nova Vida e de novo Ser. Como uma árvore cujas raízes estão no céu, o ser individual tira sua linfa vital do Ser maior, cósmico e universal. Quando a vida se encontra desgastada e embaçada quer dizer que está na hora de voltar para a casa originária e recuperar as forças vitais, restabelecer o contato com a nascente que doa sentido e renovar-se. Eis a experiência do sagrado.

Estas duas compreensões refletem visões de mundo diferentes. O divino é um poder superior, assustador e fascinante, diante o qual nos sentimos pequenas criaturas desamparadas.² Ele nos cativa, mas também nos apavora e nos domina. Esta idéia tem o gosto antigo da compreensão antropológica que o cristianismo institucional promoveu durante séculos: o divino é um Pai rigoroso, poderoso até o limite da prepotência que esmaga o ser humano assustado e impotente.

Este horizonte se relaciona à concepção patriarcal do sagrado que fundou religiões, culturas e sociedades patriarcais. Espelha uma realidade social e individual historicamente construídas. Mas não diz toda a realidade.

Ao quisermos superar este paradigma, podemos cair na mais fácil das tentações: polarizar as duas dimensões do sagrado, empunhando seu aspecto fascinante na tentativa de rejeitar aquele apavorante. Como se manifesta esta situação na humanização do parto?

A moderna tecno-obstetrícia, com todas suas inúmeras intervenções na qualidade de protocolos, normas, rotinas, máquinas, botões, luzes, gráficos, encarna com esmero a idéia do parto como *mysterium tremendum*, mistério tremendo. A crença que mantém em vida gestos, escolhas e atitudes é uma prova de que estamos lidando com um ritual que guarda as por-

tas do sagrado. A obsequiosa fidelidade a práticas mesmo cientificamente ultrapassadas denuncia o temor frente ao “mistério tremendo” do parto.

Este sagrado tem seus sacerdotes que possuem o conhecimento adequado, são treinados e publicamente reconhecidos. Sua função de *pontifex* lhes permite conduzir os demais, primeiramente as parturientes, pelos meandros secretos do universo do parto. Eles são auxiliados por instrumentos e rituais, cuja finalidade é protegê-los dos efeitos devastadores do sagrado “selvagem”: luvas, panos, máscaras, instrumentos metálicos, distanciamento emocional e impessoalidade.

Contudo, a *tremenda majestas* tem sua contraparte no lado fascinante do *numinoso*. O nascimento cativa, envolve e hipnotiza. Ao querer resgatar a beleza e força pode-se tentar tomar um atalho: mudar de lado, afirmando com ênfase o aspecto *fascinans* do parto, denunciando práticas e desfazendo-se dos antigos rituais. A polarização tem o intuito de resgatar a alegria do parto, mas se situa no mesmo paradigma obstétrico, patriarcal e cristão.

Reivindicar a simplicidade fisiológica do parto, em oposição à visão médica da obstetrícia tradicional, mantém o parto no mesmo horizonte. Querer mostrá-lo “ao alcance da mão” de toda mulher, é uma tentativa de secularização do parto que, ao retirar-lhe os rituais obsoletos da tecno-obstetrícia, despoja-o também de sua raiz de sentido transcendente, tornando-o um “simples fenômeno fisiológico” que não demanda necessariamente atenção especializada. Esta confusão remete à dinâmica cultural e psicológica de seus atores. Vivemos numa sociedade materialista, imediatista e patriarcal. Como humanizar o parto sem antes nos humanizar?

Os rituais em torno do parto, fruto de séculos de civilização, seguem necessidades psicológicas e sociais profundas. Pôr em cheque o uso desnecessário de tecnologia é um passo indispensável, mas não suficiente para mudar o paradigma. Despir o parto de todo e qualquer significado simbólico e espiritual, revela a cegueira de quem não enxerga sua dimensão iniciatória. É mais um sinal de que estamos nadando na mesma cultura materialista e míope que produziu a tecno-obstetrícia.

Nas atitudes das mulheres esta problemática se manifesta na oscilação entre o medo surdo do parto unido à crença cega na palavra do médico e sua simplória redução a um ato fisiológico que qualquer mulher em posse de informações (racionalis) e disposta a rebelar-se contra o sistema opressor, dá conta de realizar, até sozinha. Desconsidera-se que os rituais do parto

são uma resposta chamada ansiedade ôntica, existencial e humana,⁵ impondo às mulheres medidas que garantam sua segurança. Essas medidas lhes dão estrutura para enfrentarem o *tremendum* que elas instintivamente reconhecem no parto.

A humanização do parto deve promover a transição para um novo paradigma do sagrado. Isso ocorre garantindo novos rituais que permitam o acesso ao poder benéfico do parto. A visão que humaniza reconhece a dimensão simbólica e espiritual do parto, bem como seus aspectos fisiológicos e materiais e sabe inserir-se na individualidade única de cada mulher. Desta forma é possível promover a transição para a experiência do sagrado no parto como fonte de força ordenadora, de poder vital, interior e propulsor, que se expressa em auto-estima, saúde mental e social, integridade, dignidade e responsabilidade.

O sagrado atua de dentro para fora.³ Sua eficácia se mede pelas repercussões positivas em qualidade de vida humana. Adentrar os portais corretos consente mergulhar no sagrado de modo a sermos renovados por seu poder benéfico, doador de vida e de sentido.

PARTO ALQUÍMICO

*Descobri minha força,
o quanto ela é grande e transformadora.
Descobri o poder de minha intuição.
Reencontrei a sintonia com a energia que preenche a vida
e que esquecemos que existe.
Eu me descobri.
Desvendei, por debaixo do turbilhão da vida,
a minha verdade,
o meu verdadeiro eu
(Paula).*

O que segue é a apresentação sintética da análise que realizei para minha dissertação de mestrado sobre o caso de uma mulher, que chamarei Paula, que às 40 semanas de gestação foi surpreendida inesperadamente pelo seu processo de transformação interior. Foi capaz de tomar uma atitude ativa e positiva e pôde reverter seu destino de grávida que rumava para mais uma cesárea.

Analisei sua experiência pela ótica da alquimia, segundo a qual matéria e espírito são faces da mesma realidade. O macrocosmo se manifesta no microcosmo individual, o qual, agindo sobre si mesmo, pode intervir sobre o todo maior. Sua operação na matéria tem repercussões no plano espiritual e, vice-versa, todo processo universal e mental atinge o nível particular e emocional. “O *opus* alquímico não concerne em geral unicamente aos experimentos químicos, mas algo semelhante aos

processos psíquicos, expressos numa linguagem pseudoquímica [...]. O *‘tam ethice quam physice’* (tanto eticamente – isto é, psicologicamente – quanto fisicamente) da alquimia é inconcebível pela nossa lógica”.^{6:254}

O processo alquímico tem quatro etapas, que correspondem às quatro fases de evolução da consciência e da transmutação da matéria: *nigredo*, *albedo*, *citrinitas* e *rubedo* – o negro, o branco, o amarelo e o vermelho. Da escuridão da morte, à brancura do alvorecer e ao amarelo dos primeiros raios do sol, para chegar enfim ao vermelho vibrante do raiar pleno do dia.

Nigredo

“As ‘trevas do nosso espírito’ coincidem indubitavelmente com o primeiro estágio alquímico, o da *nigredo*”.^{6:383} Nesta confusão de elementos encontra-se a condição da obstetrícia brasileira (de profissionais e gestantes). Às muitas falas de especialistas e profissionais corresponde a precariedade da informação de qualidade, espalhada em meio a opiniões pessoais, inseguranças omitidas, interesses econômicos e institucionais camuflados. O que é ensinado nas academias está, apesar das novas tendências e de pequenos oásis, voltado para a transmissão de regras e receitas, sendo a tecnologia usada como uma muleta, para não dizer a cadeira de rodas sobre a qual se locomovem os médicos e suas pacientes.

As trevas que circundam o parto são o produto do silenciamento sistemático e crônico pelo qual passou a voz do feminino e das mulheres a respeito de seu corpo e seu conhecimento interior. Calada esta fonte de informação, só resta um mero processo fisiológico e médico.

Meu antigo obstetra me assombrou por quase todo o pré-natal com a desne-cesárea [...]. Motivos inquestionáveis: cesárea anterior, nenê pélvico, na trigésima quarta semana, e, no último pré-natal, a bomba que me fez gritar: colo de útero grosso e nenê alto com 39 semanas. Prognóstico: ‘difícilmente será parto normal’ [...]. Especulei sobre a indução do parto. Camisa-de-força novamente: ‘você tem cesárea anterior, existe o perigo do rompimento’... Sai do consultório arrasada, com a sensação fria e amarga da derrota: meu corpo não funciona, meu nenê não quer nascer, não posso participar do processo mais intenso e lindo de minha vida enquanto mãe [...]. O que tem de errado comigo? Comentei isto com uma amiga [...] e ela me disse: ‘Paula, aceita. Relaxa e aceita. A aceitação é a maior virtude da alma humana’. Pensei comigo: é isso! Vai ser difícil, mas irei lutar para ficar bem e aceitar minha condição.

No dia seguinte, após muito chorar, procurei um amigo terapeuta e ele me indicou floral, relaxamento, pensamento posi-

tivo, meditação [...] É, meditação! Quem sabe, evoluindo espiritualmente eu possa ter a virtude dos iogues em minhas mãos! Será que dá tempo? Mas meu plano não deu certo.

“É este o primeiro estágio da opus alquímica: o caos que emerge após o questionamento transforma em confusão o quieto e tranqüilo sono da consciência acomodada”.^{7:477} Sair da confiança ingênua mas confortável no suposto saber do obstetra é difícil. Abre-se um terreno inculto, sem caminhos dados. Muitas armadilhas a aguardam, a primeira delas é sua própria ansiedade.

Albedo

É preciso coragem para fazer estas coisas: mudar o caminho, questionar, caotizar. É preciso ser encorajada, encontrar eco, apoio, ver que o grito preso na garganta não é só meu e que minha intuição fêmea é ‘nossa’ e não só um capricho individual, um desejo descabido. EU QUERO PARIR! Tenho esse direito e esse dever enquanto fêmea, enquanto mãe que está nascendo e enquanto cidadã do mundo.

Com o fracasso da tentativa anterior, tem início o segundo estágio da opus: a *albedo*: “a alma liberta pela morte é reunida ao corpo morto e cumpre sua ressurreição”.^{6:244} Corporeidade que estava sofrendo uma tentativa de supressão. Abafar o anseio interior, nessas circunstâncias, equivale a transformar o corpo vivo num corpo morto, o organismo vivente numa matéria inerte (a matéria estensa cartesiana), mero objeto de manipulação. Voltando a alma para o corpo, deflagra com maior vigor sua força transformadora.

Meu corpo, minha mente e meu espírito teimavam em protestar. Arrancaram-me o sono, não me deixavam meditar, não me deixavam pensar em outra coisa, a não ser no parto que eu tanto queria e que corria um enorme risco de não ter por obra e capricho da natureza [...]. Ou seria do médico?

Permitindo-se expressar o que sente dentro, Paula realiza a introversão, podendo assim acessar camadas mais profundas de si mesma. Desta forma, encontra sua intuição, a qual assume uma função chave. Ao invés de ver em sua situação o efeito de “caprichos” próprios ou da natureza, ela começa a desconfiar que o problema está com o médico e sua concepção da obstetrícia. Desfazendo-se das orientações do senso comum convencional, Paula segue sua intuição, ganhando a liberdade interior indispensável para mudar de rumo.

A intuição, uma das quatro funções psíquicas, se relaciona com o fenômeno da sincronicidade, que Jung define como “conexão acausal”: “o fenômeno da sincronicidade é o resultado de dois fatores: 1) uma

imagem inconsciente se apresenta diretamente ou indiretamente à consciência, como sonho, idéia repentina ou pressentimento; 2) um dado de fato objetivo coincide com este conteúdo”.^{7:477}

Paula reconhece que há algo “maior” em seu desejo de parto normal e o assume abertamente. Alinhando-se a seu Ser interior, muda o rumo. Os critérios norteadores de Paula se transformam radicalmente e assim o mundo à sua volta.

“A aparência dos fenômenos sincrônicos atualmente parece estar conectada a um específico estado de consciência”,^{8:36} e define a sincronicidade como coincidências significativas. “O significado se constitui como fator ordenador, *‘meaning as an ordering factor’*”.^{8:38}

À guinada introvertida, regida pela intuição, corresponde à entrada no universo da sincronicidade. Paula pode, assim, cometer a “loucura” que a conduziu à vitória.

Foi quando, em meio ao luto e à melancolia, minha linda e aguçada intuição foi em busca de informação e ligou o computador, acessou a internet e sentiu um desejo incontrolável de rever aquelas Amigas do Parto. Li praticamente todos os depoimentos, artigos, entrevistas. Fui gradativamente sentindo a força de cada relato, de cada história, e me via ali, em cada uma delas. Fui sentindo minha dor de fêmea incapaz e passiva se transformar em protesto, em esperança e, finalmente, em grito! Peguei o número do telefone indicado pelo site e, agora sim, cheia de certeza e coragem liguei [...]. A enfermeira foi muito atenciosa e me indicou a Dra. Juliana [...]. Que alívio! Existia mesmo uma luz no fim do túnel! Liguei [...]. Deu certo. Consulta marcada para dois dias depois!

À confusão segue-se a luz. Paula encontra alguém em sintonia com seu projeto.

Após duas noites sem dormir, mas iluminadas de esperança e certeza, a consulta: entro no consultório e grito bem alto: ‘Quero parir minha filha!’ Ela riu simpaticamente: ‘é incrível o número de mulheres que chegam aqui com esta queixa. É a epidemia das cesáreas!’ E começou calmamente a fazer minha ficha e a conhecer minha história de mãe e mulher [...].

Citrinitas

À noite, no mesmo dia em que mudei de obstetra e fiquei mais próxima de me apropriar do nascimento da minha filha, tive uma espécie de sonho em vigília de que minha cama era toda de palha. Podia sentir as lascas de palha debaixo de meu corpo, podia até mesmo pegá-las com a mão. Ali, ao meu lado, me olhando com uma enorme ternura, estava o meu marido (que de fato estava mesmo, só que dormindo), sentado na cama e segurando um cronômetro, ou um relógio, em suas mãos. Aos

meus pés, agachada no chão e tendo as mãos sobre a cama, eu via uma figura humana muito iluminada, clara, parecia uma mulher de cabelos claros e vestes claras, sem rosto muito definido. Eu estava tendo contrações (acho que de verdade, como todas as noites anteriores) e estes dois seres iluminados, amados e ternos me amparavam. A cama me amparava. Acordei de sobressalto: eu estava no meu ninho! Eu havia feito, ganhado, encontrado o meu próprio ninho e estava pronta para parir.

Podemos entender este sonho/visão em mais de um nível. Pela psicologia de orientação personalista, Paula vê-se finalmente amparada pelas duas pessoas mais importantes em sua vida naquele momento: o marido que, além de ter um papel afetivo é de fato também companheiro, e a obstetra que, agachada ao lado da cama, parece estar se colocando a serviço de Paula, e não a conduzindo “de cima”.

Pela psicologia analítica, Paula tem ao lado seu *animus* amigo que tem pensamento diferenciado, não convencional. Ele está entre Paula, com seus medos e inseguranças, e o substrato mais profundo de onde emerge a intuição. Segura um relógio na mão: o tempo que separa Paula do momento do parto está vinculado a seu trabalho interior e não a condições externas ou fisiológicas. A figura feminina *numinosa* representa o *Self* de Paula. Não surge como uma rainha toda poderosa, porque o centro da ação é Paula: o que seria do ser feminino total sem o trabalho efetivo da consciência individual? Enfim, o sonho parece dizer que Paula encontrou finalmente seu ninho. Por que este é de palha? O sonho inteiro carrega um caráter *numinoso*: a impressão é vívida, lúcida e intensa. Está presente a dimensão arquetípica, emergindo através de um dos símbolos ocidentais mais significativos: o nascimento do Salvador na manjedoura. É apresentada aqui a simplicidade humilde da salvação redentora.

Adentramos então um terceiro nível de significado. Paula está recebendo a mensagem de que sua luta se situa no fundo constelado arquetípico: parto, nascimento, iniciação, salvação, renascimento. Como uma estrela, ela encontrou sua constelação, e não roda mais sem rumo pelo espaço vazio de sentido. O inconsciente projeta Paula para o sentido universal de seu “desejo” pessoal e lhe transmite símbolos que a amparam, apóiam e encorajam.

Mas não é tudo. Há ainda um elemento muito interessante no sonho: Paula sente familiaridade com este ninho, é conhecido. Quais saberes ancestrais revivem nela? Que memória é essa que transpassa para o presente preenchendo-a de força e confiança? Memórias da alma.

Para minha agonia, não entrei em trabalho de parto na noite do sonho. Nem na outra, nem no dia seguinte, nem na semana seguinte. Passou-se a mudança de lua, o aniversário de meu pai, caminhadas, caminhadas, descolamento da bolsa do colo do útero e nada.

Paula volta a seus limites diurnos. O caminho de iniciação não está terminado ao encontrar uma obstetra “humanizada”. É preciso ainda percorrer a distância até o cumprimento final da vitória vislumbrada. É a terceira fase alquímica: a da *citrinitas*. Concentração, confiança e trabalho perseverante, para limpar o caminho das armadilhas que se apresentam. Tentadora é a entrega da responsabilidade em mãos alheias. Muitas mulheres, de fato, param por aqui. Não cumprem a travessia. Mesmo quando têm coragem para mudar de obstetra, não realizam o trabalho interior necessário à apropriação do parto.

Uma ansiedade impiedosa me avassalava naqueles dias. No sábado pela manhã, minha mãe em casa, parentes telefonando, as crianças questionando, todos prontos, prontíssimos, aguardando. E nada. Nada de Isabel querer sair de lá. Nada de meu corpo funcionar [...].

Novamente o espectro da incompetência. Afinal, se o corpo feminino não fosse “defeituoso”, por que lhe seriam oferecidos tantos recursos para fazê-lo funcionar? Este é o obscuro e pegajoso substrato cultural e psicológico no qual toda mulher cresce.

[...] parecia que o trabalho de parto se iniciava a toda hora. Mas não pegava. Comecei a pensar, é claro, que o ex-obstetra tinha razão. O fantasma de que a dupla eu-nenê não funcionaria, ainda me assombrava [...]. Fiquei deprimida e chorava.

Um dia, deitei no meu quarto escuro e lá fiquei por horas [...]. Tive uma conversa séria com Isabel. Pedi-lhe que, por favor, me enviasse um sinal de que tudo estava certo, de que era só aguardar o tempo dela, que ela chegaria naturalmente, sem agressividade alguma e no momento certo. Qualquer sinal, qualquer sonho, qualquer coisa [...].

Paula retoma as rédeas da situação. É preciso expressar o marasmo, sem ser avassalada por ele. Daí o papo “de mulher para mulher”, de Paula com Isabel. Eis que Isabel dá o sinal, porque Paula está pronta: de corpo e a alma.

Resolvemos ir ao cinema com as crianças. Tomei meu banho, me enxuguei, vesti minha saia e notei nela uma caca de nariz bem grande. Uma caca de nariz?! Credo! De onde veio isso?! Fui calçar a sandália e lá estava outra meleca, ainda maior grudada em meus pés. Descobri que a meleca vinha da minha toalha, e que era o tampão mucoso que havia saído de mim, como o aviso de uma fruta madura pronta para cair de seu galho.

De fato, na mesma noite, deitada em meu ninho, as contrações começaram ritmadíssimas, e cada vez mais fortes [...]. Eram fortes, dolorosas e maravilhosas de serem sentidas. Havia chegado a hora. Fui tomar um banho e me preparar para ir ao hospital do plantão da médica. Minhas contrações se descompassaram, desde o momento em que me arrumava para sair de casa. Era desconfortável pôr roupa, vestir sapato, entrar no carro, andar de carro. Sentia as contrações naquele momento como que querendo impedir meu corpo de se movimentar rumo a parir longe do meu ninho, longe de minha cama, longe de minha casa.

Paula saiu do ninho e saiu da conexão interior. Há em seu projeto (parto normal hospitalar) algo que lhe opõe resistência, e mais uma vez o protesto vem do corpo. Seu plano é ainda “intelectual” demais e não contempla seu Ser inteiro. Entretanto, todo o caminho e o conhecimento conquistados lhe consentem tomar consciência do significado daquele desconforto e ultrapassá-lo.

Mas, naquela altura, eu tinha mesmo que enfrentar o hospital e toda sua equipe de ilustres desconhecidos. E também, minha felicidade em estar em trabalho de parto era tamanha que qualquer adversidade seria encarada com entusiasmo. Seja o que Deus quiser! ...

Na sala onde estava, bem ao alcance da minha vista, havia três caixas transparentes cheias de parafernália cirúrgicas e uma etiqueta escrita a mão: ‘Cesárea de urgência’. Olbavam-me insistentemente. Era só abrir o olho e lá estavam elas, me vigiando. Chamava meu marido: cadê você?

Às quase 6h da manhã a médica chegou. Conversou comigo e com a Isabel, acariciou a barriga, mediu a dilatação, me ofereceu água, perguntou se estava com fome, se queria tomar uma ducha [...].

As contrações iam aumentando e exigindo outras posições do meu corpo. Deitei-me com a barriga para cima, com a cabeceira da cama bem inclinada e as pernas dobradas [...]. Eram pouco mais de 7h da manhã e eu sabia que faltava pouco [...]. Minha dilatação tinha chegado a oito centímetros e duas contrações depois a dez!

Fui para a sala de parto andando. As contrações agora não davam trégua. A cabecinha já estava coroadando, as enfermeiras querendo amarrar meu braço (pode?), meu marido sabidamente pediu que não o fizessem. Pés no estribo, também amarrados. Não consigo falar, nem pedir nada. A maca parecia uma tábua de passar roupa: dura, fria estreita e sem qualquer, mas qualquer inclinação. Horrível! A dor beirava o insuportável e eu me entreguei a ela; gritei, berrei, não sei se respirava, se falava, se fazia força. A equipe de olhos arregalados, o pediatra acariciando nervosamente minha cabeça, me pedindo calma. Um desespero começou a me rondar, a dor estava insuportável e ti-

nha medo de fazer força. Entreguei-me: “Juliana! Vai rasgar tudo! Faça o pique! Eu não agüento mais!”

Tudo em volta dela é desfavorável. Paula perde seu centro. Volta em si graças à serenidade que encontra na médica. Permanecer emocionalmente estáveis é um dos melhores serviços que os obstetras podem oferecer às parturientes.

Olhei para minha obstetra e a vi serena, sem elevar a voz ou fazer qualquer movimento brusco. Percebi a sala pouco iluminada e o tom de sua voz, ao me dizer: “tá tudo bem Paula, deixe rasgar”. Caraca! Ou vai ou racha. Nova contração, concentrei-me, e me entendi com a dor novamente.

Restabelecendo uma relação consigo e com sua dor, Paula volta a ser una. E é perpassada por uma surpreendente onda de energia.

Rubedo!

Uma força descomunal surgiu de dentro de mim, e meu marido, emocionado, me disse que estava vendo a cabecinha de Isabel saindo. Uma quentura deliciosa jorrou para fora de mim e só então vi aquele serzinho maravilhoso, com um furinho no queixo, lutando com o corpo todo para respirar os primeiros ares deste mundo. Minha obstetra a segura com um carinho maternal, como se quisesse niná-la, à espera de que ela encontre sozinha o caminho de sua respiração.

Senti-me grande, enorme, maior do que aquela minúscula sala, maior do que o planeta, do tamanho do universo. Uma energia poderosa e indescritível preencheu o meu mundo todo. Lembrei-me de tudo o que havia percorrido e enfrentado para estar ali, de todo o sofrimento, de toda a verdade, de toda a dúvida. Foi a confirmação de minha intuição. Foi o respeito pelo meu corpo, pela minha gravidez, pelo meu parto, por mim mesma. Eu havia conseguido! Minha luta fora certa e bem recompensada. Meu marido me abraçou, chorava: “você é uma guerreira, minha querida”.

Eis o arrebatamento da alma: Paula unida ao ser maior, Paula e a grande mãe como uma só.

No exato momento do nascimento senti uma vibração, uma energia poderosa que preenchia tudo. Senti como se meu corpo e meu ego se dissolvessem e tudo fosse um. Entrei em comunhão com o universo. É impossível não estar absolutamente presente no momento do parto. As sensações, a percepção, o corpo e a mente ficam totalmente focados, centrados naquele instante, que por menor que seja, torna-se infinito.

Paula obteve sua pedra filosofal. A *opus* está cumprida. Completou a trajetória interna que lhe abriu o caminho externo: ou ambos os caminhos se abriram simultaneamente por um misterioso e sincrônico designio? Certamente, sem a união interior de corpo e alma, sem esta dupla funcionando ao uníssono, a obra não teria sido alcançada.

CONCLUSÃO

“[...] Jamais farás com que os outros se tornem o Um, se antes tu mesmo não te tornares Um’.

Qualquer que seja o sentido do ‘Um’ para o alquimista, ele se refere ao ‘artista’ como sujeito, cuja unidade é colocada como conditio sine qua non para a realização completa da obra.

Não há dúvida alguma de que se trata da condição psicológica da obra e que essa é fundamental”

(Jung).

O que cumprimos num parto é comparável à obra de um artista.

Jung relata que o *artifex*, o artista ou alquimista, precisa possuir “as seguintes qualidades psicológicas: ele deve ter o espírito extremamente sutil e dispor de conhecimentos suficientes acerca dos metais e dos minerais. Assim, pois, não pode ser grosseiro de espírito ou rígido, nem pode ser voraz ou cobiçoso, indeciso e inconstante. Não deve ser apressado ou presunçoso. Pelo contrário, deve ter firme propósito, magnanimidade, perseverança, paciência, docilidade e moderação.”^{8:283}

Reconhecemos nessas características as qualidades psicológicas dos novos atores do paradigma que estamos querendo criar com a humanização do parto. Propriedades indispensáveis a parturientes e a profissionais e que só são possíveis, unindo alma e corpo e concebendo o parto como uma *opus* que engloba e transcende a dimensão material.

No interior de novas coordenadoras, revela-se a experiência do sagrado como centro de sentido, ordenador e renovador de vida. Como no passado, esta experiência é guardada por rituais e “mediadores”. Desta vez, porém, os rituais se situam muito mais na dimensão do sutil e espiritual, sem desconhecer as bases fisiológicas e materiais, enquanto que seus “sacerdotes” e “sacerdotisas” são aqueles que, tendo realizado em si a *conunctio sagrada*, têm competência para lidar e promover a experiência plena, segura e satisfatória de um fenômeno que só pode ser compreendido pelo olhar holístico.

A união dos contrários, de matéria e espírito, razão e sensibilidade, é algo preconizado e desejado há muito tempo: “quando [...] ‘fareis com que dois sejam um, e fareis com que o interno seja como o externo e o externo como o interno, e o alto como o baixo e quando fareis do macho e da fêmea uma coisa só [...] então entrareis no reino”^{9:41}

REFERÊNCIAS

- 1 Nogueira AT. A carne se fez verbo: o parto de baixo risco visto pela ótica das mulheres [dissertação]. São Paulo (SP): Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião/PUC/SP; 2004.
- 2 Otto R. O sagrado. São Bernardo do Campo (SP): Imprensa Metodista; 1985.
- 3 Eliade E. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes; 1999.
- 4 Weil P. Os mutantes: uma nova humanidade para um novo milênio. Campinas: Verus; 2003.
- 5 Tillich P. A coragem de ser. São Paulo: Paz e Terra; 1976.
- 6 Jung, CG. Psicologia e alquimia. Petrópolis: Vozes; 1991.
- 7 Jung, C.G. Sincronicità come principio di nessi acausali. vol. VIII. Torino: Boringhieri; 1989.
- 8 Jung CG, Pauli W. Atom and archetype: the Pauli/Jung Letters, 1932-1958. Princeton (NJ): Princeton University Press; [s.d.].
- 9 Tomé J. Evangelho Gnóstico de Tomás: NHC, cód. II: 32, 19, 33, 15. In: Montefoschi S. Essere nell'Essere. Milano: Cortina; 1986.